AUTOBIOGRAFIA

redigir

Gislaine
Alguém vai querer saber da história da minha vida?

Não sei se, um dia, alguém vai querer saber da história da minha vida, mas vou escrevê-la mesmo assim. Meu nome é Gislaine, tenho doze anos e meu hobby (ainda) é brincar de bonecas (mas isso é segredo). Aos cinco anos, fiquei órfã de pai – ele morreu na véspera de meu aniversário, e então, em vez de irmos à festa que estava preparada, passamos o dia no velório.

Depois de dois anos de viúva, minha mãe se casou novamente. Ela se chama Estela, e meu padrasto se chama Fernando, ambos são professores. Tenho dois irmãos, o Cássio, que é o mais velho, e a Débora, que é a caçula. Somos três adolescentes mais ou menos birrentos e, é até chato admitir, brigamos um pouco, mas fazemos as pazes rapidinho.

Comecei essa autobiografia com uma anotação meio triste, mas isso acontece porque a memória sempre traz, primeiro, as coisas ruins, para depois trazer as boas – aliás, depois da tristeza, sem que percebamos, coisas gostosas vêm à tona, como o dia em que fui premiada num concurso de contos, em Manaus – foi incrível: eu tinha apenas 8 anos, e inventei um rio de suco de maracujá, a fim de que crianças, adultos e idosos deixassem de tomar refri e suco de caixinha. Levei o primeiro lugar, o troféu em cima do criado-mudo não me deixa esquecer disso! Outro momento legal em minha vida aconteceu quando a Chica, minha gata, pariu dois filhotinhos – um deles parecia ir morrendo aos poucos, até que eu tive a ideia de aquecê-lo com o secador de cabelos de minha mãe e, felizmente, o gatinho Alfredo sobreviveu. Ele é o nosso xodó, tem olhos azuis e pelagem loira – dizem até que o Alfredo se parece comigo!

Em 2021, fizemos uma viagem. Fomos ao Chile, sobrevoamos a Cordilheira dos Andes. Ainda bem que a Cordilheira não foi destruída pelos combates que tinham acontecido no Chile.

No começo do ano, li uns contos de Carlos Drummond de Andrade. Gostei mais do conto "A doida". Durante a leitura, lembrei que, há tempos, também tínhamos uma vizinha meio doida – ela era conhecida como a "Maria dos Pacotes", porque levantava cedo e caminhava o dia todo, carregando um monte de sacolinhas de plástico. Um dia, eu quis ajudar a Maria dos Pacotes, mas ela, talvez com medo de perder alguma sacola, saiu correndo, e, antes de chegar na esquina, a coitadinha caiu – pelo menos, ajudei a Maria dos Pacotes a levantar-se do chão. É preciso anotar também que, depois desse fato, nos aproximamos – passei a servir o café da manhã a ela, fazia ovos mexidos com bacon – acredito que essa era a única refeição do dia.

Termino essa autobiografia dizendo que gosto de História e de Literatura, cujos professores são minha referência de bons profissionais – eles são dedicados, simpáticos.

Ah... e antes que eu me esqueça: não gosto de ser a filha do meio.

Pra terminar, mesmo: minha boneca sumiu, há mais ou menos uma semana. Já procurei pela boneca por toda a casa. Se até a hora do jantar ela não aparecer, vai ter briga. Meus irmãos que me aguardem!